

# BORGES, ITINERÁRIOS DA CRÍTICA: IRREALISMO, LEITURAS, HISTÓRIA

JÚLIO PIMENTEL PINTO

Universidade de São Paulo  
juliop@uol.com.br

## **Do Borges irrealista ao Borges histórico**

Borges gostava de ser visto como leitor, mais do que como escritor. A idéia, para além das inúmeras entrevistas em que ele mesmo afirmava que «lia melhor do que escrevia», já tomou a crítica há bastante tempo e gerou, por exemplo, um livro fundamental do crítico uruguaio Emir Rodríguez Monegal, que identificou a obra borgeana como uma «poética da leitura»<sup>1</sup>. Igualmente tornou-se comum ver Borges como alheio ao mundo que o cercava, desinteressado de questões políticas ou sociais e habitante de um mundo fantástico, imaginário, carente de vínculos históricos.

Entre as décadas de 1950 e de 1970, a crítica consagrou a irrealidade de Borges. Um estudo célebre de Ana María Barrenechea, de 1957, marcava a percepção de um autor voltado exclusivamente a aventuras literárias e a mundos fantásticos<sup>2</sup>. As entrevistas de Borges, especialmente nos últimos anos de vida, também reforçavam essa imagem, por meio de declarações políticas disparatadas ou das brincadeiras, às vezes irresponsáveis e de conseqüências funestas. Rodríguez Monegal, amigo pessoal de Borges,

conta como se preocupou em alertá-lo dos riscos de brincar de «vieillard terrible»<sup>3</sup> respondendo de forma evasiva e inúmeras vezes irônica às perguntas que lhe eram feitas sobre assuntos estranhos à literatura. Seu conservadorismo político a partir dos anos 1960 também contribuiu, num tempo de preocupações sociais à flor da pele e de mobilização esquerdista na América Latina, para que se o visse como alguém que estava «fora do mundo».

Esse irrealismo – somado ao conservadorismo – tornou-se sinônimo de «alienação» para boa parte da intelectualidade latino-americana, que incluiu Borges na sua lista de livros e autores proibidos durante quase três décadas. Constituiu-se, por exemplo, na Argentina, um grupo de críticos que escreveu um livro intitulado *Contra Borges*<sup>4</sup>. Mais do que por seus ensaios, o livro representou, de forma geral e metafórica, a disposição de muitos de prescrever, por questões exclusivamente extra-literárias, a obra de Borges. Inúmeras foram as oportunidades em que questões políticas e ideológicas sobrepuseram-se à abordagem literária. Para ficarmos num exemplo que é bastante vergonhoso, basta lembrar que Borges, quando visitou o Brasil nos anos 1970, foi impedido de falar na Usp e sua palestra foi transferida para um supletivo...

Claro que essas cenas, que hoje parecem mero obscurantismo e pura ignorância, tinham suas explicações pelo contexto ideologizado da época. Mas elas só contribuíram para manter uma das principais obras literárias do XX à margem da reflexão e para fixar a imagem – nessa altura estereotipada – do homem avesso às coisas verdadeiras do mundo.

O custo de tudo isso para o próprio Borges – algo de que ele talvez não se tenha jamais dado conta – foi muito alto: nunca ganhar o prêmio Nobel, por exemplo, apesar de ser candidato eterno. Ou o esquecimento de seu passado de atuação política liberal – algo significativo para quem considera que a posição político-ideológica é dado pertinente na avaliação estética – contra o nazi-fascismo. E, sobretudo, sua luta intransigente contra o peronismo. Ou, ainda, a desatenção de tantos críticos e leitores diante do humanismo profundo que percorre sua obra e que foi, durante muito tempo ignorada, por ser considerada incompatível, seja com seu conservadorismo político, seja com seu suposto irrealismo.

Mas a imagem de irrealista vem sendo questionada, porém, há quase vinte anos, por estudiosos que localizam traços evidentes de um Borges marcado pelo contexto político e histórico vivido. Destróem, assim, a possibilidade de tomá-lo como um escritor «irrealista». Críticos e especialistas na obra de Borges, como Daniel Balderston, Beatriz Sarlo ou Davi Arrigucci Junior têm trabalhado nessa direção. Interessante é que o tema da historicidade da obra de Borges é abordado das mais distintas formas.

Daniel Balderston empenha-se em localizar marcas de realidade por trás das alusões cifradas presentes em sua obra. O principal estudo de Balderston chega quase ao exagero na busca de referentes concretos que justifiquem passagens ou nomes escolhidos por Borges. Sua inquietação

realista gerou, inclusive, reações duras de outros pesquisadores, refratários à idéia de que possa haver vínculos tão estreitos e determinados entre ficção e realidade em Borges. De qualquer forma, além da extrema qualidade, o trabalho de Balderston demonstra impressionante capacidade e precisão de pesquisa. E acentua o movimento da crítica em direção à historicidade contida na obra borgeana<sup>4</sup>.

Beatriz Sarlo, num dos mais importantes trabalhos já feitos sobre Borges, explora o sentido de argentinidade que se imiscui nos escritos de Borges em seus vários momentos e analisa o impacto da experiência vanguardista da década de 1920 em sua obra. Identifica-o como um escritor nas «orillas», alguém preocupado em definir as misturas das várias pertencas a que se vincula, mas que também reconhece a especificidade de seu repertório de origem. Em outras palavras, um Borges que é simultaneamente cosmopolita e argentino, sempre vinculado e respondendo às experiências históricas que vive<sup>5</sup>.

Davi Arrigucci Junior teve e tem um papel fundamental na recusa do Borges irrealista e no reconhecimento de um «Borges histórico». Um ensaio seu, de meados dos anos 1980, propunha que se reavaliasse a interpretação a que vinha sendo submetida a obra de Borges e que se percebesse que muitas das menções aparentemente casuais a circunstâncias eram, na verdade, alusões diretas a preocupações históricas. Arrigucci – assim como Beatriz Sarlo e diferentemente de Balderston – não se preocupa com a manifestação cifrada de eventos ou personagens reais, mas com a insistência com que temas e reflexões históricas e historizáveis aparecem na obra do escritor argentino. Depois desse ensaio precursor (e talvez ainda não devidamente reconhecido), Arrigucci publicou outros estudos sobre Borges, insistindo na historicidade de sua obra e dizendo que seu reconhecimento é fundamental, inclusive, para que se reconheça a efetiva importância de Borges na literatura do século XX<sup>6</sup>.

Em 1999, durante o interminável ciclo de eventos que celebrou o centenário de seu nascimento, a preocupação com a historicidade da obra mostrou que estava definitivamente instalada. Inúmeros pesquisadores recorreram ao tema para explorá-lo e para perceber como as amarras históricas de Borges são muito mais claras do que se nota à primeira vista. A leitura de algumas das coletâneas que esses eventos geraram demonstra a afirmação da questão e seu impacto no que se pode chamar de uma nova crítica borgeana, iniciada com Balderston, Sarlo e Arrigucci, mas herdada por muitos outros pesquisadores<sup>7</sup>.

### **Borges leitor**

Se a imagem do Borges irrealista vem desaparecendo, a outra, do leitor, ao contrário, persiste e mostra-se cada vez mais importante para que se entendam os procedimentos literários e memorialísticos que orientam a produção da obra borgeana e a concepção de teoria que dela deriva. Em outras palavras, talvez a marca mais evidentes da atual crítica borgeana

empenhada na busca da historicidade de sua obra seja a insistência no papel fundador desempenhado pelas leituras. Ou ainda: a disposição de situá-lo no panorama de uma história das leituras e, simultaneamente, traçar o itinerário de suas próprias leituras para, nesse cruzamento – ou «intervalo», perceber a possibilidade e as condições da elaboração literária em Borges.

É nesse contexto crítico que se insere um livro que é um exemplo privilegiado desses novos rumos investigativos e que pretendo discutir um pouco melhor aqui: *Jorge Luis Borges: œuvre et manœuvres*<sup>8</sup>. Annick Louis, a autora, é professora na Université de Reims, na França. Ela interfere no debate sobre Borges, buscando perceber os caminhos que as leituras por ele feitas percorrem subterraneamente a sua obra e as influências cruzadas que exercem sobre seus textos no momento da escritura. Resgata as versões iniciais de seus textos, muitas vezes surgidas em revistas, confronta-os às versões presentes nas edições das obras completas e avalia o trabalho borgeano de seleção ou, para usar palavras de Borges que a autora lembra serem mais adequadas, trabalho de «redução» – como exclusão – e de «contração» – que também é retorno – de seus escritos, fazendo com que muitos textos originalmente publicados em revistas ou jornais desapareçam ou reapareçam na compilação das obras completas.

É bastante conhecido o fato de que Borges reescrevia constantemente seus textos e que suprimia às vezes volumes inteiros, mas Louis vai mais longe: investiga como as metamorfoses ocorridas nas sucessivas edições das obras completas, as idas e vindas de textos e o trabalho da reescritura representam a manifestação de um projeto literário borgeano. Borges realiza, diz Louis, por meio da (re)edição da obra, uma «gestão administrativa de sua produção». Interfere e manipula conscientemente seus escritos, buscando regular a direção e os efeitos que eles assumem dentro do «campo cultural» em que estão inseridos. Define-se, assim, a vontade borgeana de exercer amplo controle sobre o impacto que seus textos venham a ter entre os leitores.

Ao analisar essa «gestão da produção», Louis retoma questões centrais da teoria literária cruzando-as a indagações sobre os tipos de recepção que os escritos de Borges tiveram. Discute, assim, por exemplo, como os textos, reescritos e submetidos, agora, a outros sistemas de valorização literária, têm seu reconhecimento literário alterado. Nesses termos, a relação com o leitor é continuamente refeita, seja pela conhecida capacidade inventiva de Borges, seja pelo reposicionamento dos textos.

Seguindo essa trilha de discussão, a autora realiza uma história das leituras possíveis de Borges em cenários e momentos intelectuais e sociais distintos; uma história da leitura que foca a mobilidade das duas posições, a do produtor literário e a do leitor. Na primeira, trata-se de avaliar os protocolos de leitura enunciados por Borges a cada redução ou contração de sua obra; na segunda, o que está em jogo é o diálogo possível da obra borgeana com outras manifestações artísticas e com experiências históricas – logo,

estéticas – mutantes, vividas pelo receptor. Constituem-se, portanto, pelo menos dois níveis de historicidade da obra de Borges.

Mas a história das leituras de Borges produzida por Louis não se resume, evidentemente, a esses dois níveis. Basta lembrarmos que Borges, como já foi dito, é em primeiro lugar, também ele, um leitor e que nenhuma leitura é igual à anterior, mesmo que se trate de releitura de um livro. Tempos diferentes produzem, por vários motivos, leituras diferentes. Em primeiro lugar, porque a leitura posterior supõe a anterior, logo oferece uma aproximação alterada do texto, agora já, em alguma medida, conhecido e, em outra parte, estranho – o que nos permite, por exemplo, pensar o significado do «clássico».

Em segundo lugar, porque o intervalo produz uma ressignificação do lido, dado que outras experiências estéticas foram atravessadas e o confronto daquela leitura com outras implicou uma reorganização do repertório do leitor – Borges, com a tradicional ironia, abordou essa questão em «Kafka e seus precursores»<sup>9</sup>, em que avalia a construção, *a posteriori*, de uma tradição literária que teria levado a Kafka.

Em terceiro lugar, porque a memória da leitura opera como transformadora, mecanismo adulterador que é: lembramos de uma leitura conectando-a a um conjunto sensível que não é acessível pelo presente, mas que demarcou o significado daquela leitura em nossa história intelectual, o lugar daquele livro em nossa biblioteca pessoal. Finalmente, porque o campo de recepção é, a cada momento, outro. O próprio Borges destacou essa mobilidade do escrito perante leitores diferentes num de seus textos mais famosos, «Pierre Menard, autor do Quixote»<sup>10</sup>, em que aventa a reescritura do *Quixote* no século XX e o significado distinto e superior que o texto teria em relação ao de Cervantes, dada a complexidade que seu conteúdo e sua retórica sugeririam aos homens perplexos do XX.

Identifica-se, assim, um grau mais profundo de diálogos entre temporalidades, que produz uma espécie de moto-contínuo de leituras e reescrituras: as leituras iniciais do Borges-escritor fundam e refundam o texto, que tenta determinar a forma de sua leitura a partir da pressuposição de como um dado campo intelectual receberá esse texto. Mas se esse campo é móvel, e se também as leituras se alteram (porque se sucedem e refazem-se), rapidamente, para que o autor consiga manter o controle pretendido sobre a recepção e recompor, conforme sua vontade, o pacto com os leitores, torna-se necessária uma nova versão daquele texto, que responda, simultaneamente, às contingências do novo contexto e às novas influências sofridas pelo Borges-leitor. O movimento da «máquina literária» borgeana é, portanto, ininterrupto e assegura a contínua gestão da produção da obra por quem está na posição de autor – «autor», por sinal, que assume papel mais importante do que Borges reconheceria.

Louis apreende, por meio da indagação sobre o fazer das obras completas, o movimento duplo e paralelo, em Borges, de construção e gerenciamento literários. Dele, depreende-se um Borges-escritor agudamen-

te comprometido com os embates intelectuais que atravessou, com o desdobramento que seus textos assumiam. Um Borges-leitor que só pode ser compreendido à luz da história porque é a consciência dessa experiência vivida que lhe permite interferir de maneira tão clara em seus próprios escritos.

Mesmo que, como diz a autora, Borges tenha sido parcialmente fracassado em seu projeto literário, uma vez que não gerou seguidores, a leitura do livro de Annick Louis nesse tempo de inevitáveis balanços permite ampliar o trabalho crítico de reconhecimento da historicidade da obra borgeana, o que pode significar, entre outras coisas, situá-lo definitivamente, como sempre lembra Davi Arrigucci, como um dos autores centrais da literatura do XX. E entendê-lo sem as implicações político-ideológicas que durante tanto tempo bloquearam uma efetiva compreensão da obra do argentino.

#### NOTAS

- 1 Emir Rodríguez Monegal. *Borges: uma poética da leitura* (São Paulo: Perspectiva, 1980, trad.: Irlema Chiampi, orig.: 1980).
- 2 Ana María Barrenechea. *La expresión de la irrealidad en la obra de Borges* (Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1984, orig.: 1957).
- 3 Emir Rodríguez Monegal. *Borges por Borges* (Porto Alegre: LPM, 1987, trad.: Ermani Ssó, orig.: 1979).
- 4 Daniel Balderston. *Out of Context. Historical Reference and the Representation of Reality in Borges* (Durham/Londres: Duke University Press, 1993). Além desse, que é seu principal título, Balderston publicou vários outros estudos sobre Borges e organizou importantes obras de referência.
- 5 Beatriz Sarlo. *Jorge Luis Borges. A Writer on the Edge* (New York, Verso, 1993).
- 6 Davi Arrigucci Junior. «Da fama e da infâmia. Borges no contexto literário latino-americano», in *Enigma e comentário* (São Paulo: Companhia das Letras, 1987, o texto foi publicado originalmente em 1983); «Borges ou o conto filosófico», in Jorge Luis Borges. *Ficções* (São Paulo: Globo, 1995).
- 7 Cito aqui apenas duas das publicações (uma estrangeira, outra brasileira) nascidas desses eventos, mas elas são exemplares tanto das tendências atuais da crítica borgeana, quanto da insistência no tema da historicidade: William Rowe, Claudio Canaparo e Annick Louis (orgs.). *Jorge Luis Borges. Intervenciones sobre pensamiento y literatura* (Buenos Aires: Paidós, 2000), com os trabalhos apresentados na Borges Centenary Conference, realizada no King's College London, em setembro de 1999; Jorge Schwartz (org.). *Borges. Brasil* (São Paulo: Unesp, 2001), que reúne, de forma ampla e quase completa, a crítica brasileira sobre Borges, incluindo as apresentações reali-

zadas no evento *Borges 100 Brasil*, realizado pelo Departamento de Letras Modernas da Universidade de São Paulo.

- 8 Annick Louis. *Jorge Luis Borges: œuvre et manœuvres* (Paris : L'Harmattan, 1997).
- 9 Jorge Luis Borges, «Kafka e seus precursores» (1951), in *Outras inquisições* (1952). *Obras completas*. vol. 2 (São Paulo, Globo, 1999), pp. 96-98.
- 10 Jorge Luis Borges, «Pierre Menard, autor do Quixote» (1939), in *Ficções* (1944). *Obras completas*. vol. 1 (São Paulo: Globo, 1998), pp. 490-498.